

## UM FANTASMA METIDO



Quem é de Siderópolis com certeza já ouviu alguma história sobre o túnel mal-assombrado, e são muitas. Desde criança, escuto diversas dessas histórias: assombrações, fantasmas, mistérios, mitos e lendas assustadoras eram temas recorrentes nas noites em que a família se reunia apenas para conversar, ouvir e narrar histórias.

Sobre o túnel, falava-se de ossos humanos encontrados nas redondezas ou dentro dos salva-vidas (aqueles refúgios na lateral do túnel). Há quem diga que existem corpos enterrados no concreto da construção, ou que já presenciou aparições de fantasmas, ouviu gritos, viu luzes — sempre justificando essas histórias pelo elevado número de mortes que supostamente teriam ocorrido no local.

Segundo as lendas, as almas dos mortos inconformados passaram a habitar o túnel. O ambiente úmido e escuro é, de fato, propício para o surgimento dessas histórias.

Nas histórias que ouvi, também me chamava a atenção uma pequena caverna, escavada na montanha de arenito nas redondezas do túnel. Sobre essa caverna, ouvi várias lendas. Diziam que o buraco havia sido feito pelos trabalhadores do túnel para enterrar os mortos, e a informação era justificada: “Seu Ivo, que trabalhou na construção, disse que naquela época tudo era feito na pá e na picareta, a terra era retirada por carroças, os desmoronamentos eram constantes, e muita gente morreu soterrada lá”.

Até mesmo alguns colegas do ensino primário relatavam ter ido ao túnel e encontrado ossos no riacho, exaltando assim sua coragem. Quando questionados sobre o fato, enriqueciam suas narrativas com detalhes, tentando convencer os ouvintes.

A construção do túnel da ferrovia Tereza Cristina em Siderópolis teve início em 1943 e foi concluída em 1947. Ele marca o início de um período importante na história econômica da cidade, com a expansão das atividades carboníferas no município, além de se consolidar como um ponto turístico e evocador de histórias populares. Para os incrédulos, surgiam ainda mais "provas". Ouvi várias vezes que ossos foram vistos nas redondezas: “O Tonho, uma vez, foi caçar ali perto e contou que naquele morro do túnel encontrou uma caveira no meio do mato, certamente de alguém que morreu ali durante a construção”.

Das lendas que ouvi, uma sempre me chamou a atenção, pois supostamente trazia uma prova muito além da narrativa e confirmava que o túnel era mesmo um local mal-assombrado: uma prova palpável, visível.

Ouvi dizer que, em certo domingo, uma família foi visitar o túnel para fazer um passeio e contemplar a beleza do ambiente. De fato, os que ainda não conheciam ficaram encantados com o misto de beleza e medo que o local proporciona. À medida que se aproximavam do túnel, os mais velhos relatavam aos mais novos as histórias que tinham ouvido — diziam que ali haviam morrido muitos trabalhadores durante a construção, principalmente vítimas de desabamentos. Pessoas sem família, que muitas vezes vinham foragidas de outros estados, teriam sido enterradas como indigentes nas redondezas do túnel e até mesmo entre o concreto da construção. Assim, as almas desses operários, inconformados com a morte trágica e prematura, passaram a habitar o local.

Por um momento, a tensão calou os ouvintes e, à medida que o grupo adentrava o túnel, o silêncio era quebrado pelo eco dos passos e pelo barulho constante das águas que escorriam entre as paredes sombrias e escuras, pingando no chão úmido e causando arrepios em algumas pessoas do grupo. Cada novo ruído causado pela paisagem tornava o clima ainda mais tenso: e se fosse um fantasma? Ou talvez o trem vindo, embora, geralmente ele não passasse aos domingos, mas nunca se sabe. Nesse caso, seria preciso se refugiar em um dos salva-vidas, mas lá é ainda mais assustador, parecendo um caixão em meio à escuridão.

Passada a tensão inicial, alguns ainda se mantinham atentos e receosos com a possibilidade de se depararem com um fantasma, enquanto outros aparentavam indiferença, dizendo não acreditar naquelas histórias de assombração e aproveitando o momento para brincar, causando ruídos, reproduzindo gemidos, incitando o medo nos outros, desrespeitando o local. “Não brinquem com essas coisas”, alertavam os mais velhos. “Nada... isso não existe”, retrucou alguém, enquanto outros, amedrontados, faziam o sinal da cruz como forma de proteção.

E assim transcorria a visita ao túnel, até então um passeio agradável e sem incidentes, apesar da tensão causada pelo medo. Já no fim da visita, alguém resolveu registrar o momento, convocando todos para uma foto em frente a uma das entradas do túnel. Assim o fizeram, de forma descontraída. “Cuidado com o fantasma”, gritou alguém, mas, naquele momento, a sensação de segurança por estarem do lado de fora do túnel já não assustava nem mesmo os mais amedrontados.

De volta à casa, a família planejava se reunir novamente, como de costume aos domingos, para ver as fotos reveladas do passeio e de outras ocasiões. Aguardaram todos ansiosos, para verem as fotos e conferir se aquela pose tão esperada tinha sido bem enquadrada. Quando o filme fotográfico foi revelado, o responsável recebeu as fotos embrulhadas num pacote. As pessoas da casa se reuniram e começaram entre risos e desapontamentos, a observar as fotos, até que chegaram à foto tirada em frente ao túnel. O registro tão esperado da família reunida guardava uma surpresa muito maior do que qualquer um poderia imaginar. Por um momento, as pessoas se entreolharam incrédulas, em profundo silêncio, buscando entre si uma resposta, pois grande foi o espanto ao perceberem que na foto havia a presença de um homem desconhecido, que sequer tinha sido visto no local.

Questionado, o autor da foto disse não ter visto ninguém estranho no momento do registro. E o pior: alguns detalhes não deixavam dúvidas de que aquele não era um simples visitante que passava pelo local, já que suas vestes sujas e rasgadas e a aparência geral do homem denunciavam sua identidade. Era o fantasma de um dos operários que morreram na construção do túnel, ali registrado de forma incontestável para quem quisesse ou tivesse a oportunidade de ver.

Nunca tive a chance de ver essa foto, mas são coisas que minha mãe sempre me contou.

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, Historiador Pós-Graduado em Patrimônio Cultural.